

UMA ABORDAGEM RICOEURIANA SOBRE O CORPO: ENTRE A FENOMENOLOGIA E A PSICANÁLISE

René Dentz
Doutorando em Teologia FAJE
Bolsista CAPES
E-mail : dentz@hotmail.com

Resumo:

Para Ricoeur, a psicanálise revela uma linguagem típica, que consiste na fala do homem que deseja, isto é, a semântica do desejo que se manifesta em suas produções psíquicas, nestas incluídos o sonho e as grandes manifestações da cultura, como o mito, a arte, as ilusões e os ideais. A problemática da linguagem é lugar para suas investigações sobre a psicanálise e sobre a conexão do desejo com a palavra, bem como “de uma dinâmica de forças com a semântica do desejo, das vicissitudes das pulsões com as vicissitudes do sentido, de uma energética com uma hermenêutica” (MATTEO, 2000, p. 129). Nesse momento, Ricoeur se aproxima de outro caminho de interpretação da Psicanálise, por meio da proposta de Jean Laplanche. Este propõe uma retomada da definição freudiana de inconsciente, defendendo a ideia de que o inconsciente seria a condição da linguagem (e não como Lacan queria). Trata-se de uma posição mais próxima da energética de Freud, a qual Ricoeur faz mais referência e é por ela mais impactado. Além disso, essa concepção corresponde à problemática do corpo-próprio que é aquela concepção fenomenológica proposta por Merleau-Ponty e trabalhada por Ricoeur em *Soi-même comme un autre*, que abordaremos mais tarde, no tópico sobre a liberdade a partir da hermenêutica da ação. Franco (1995, p. 190-191) aponta a leitura ricoeuriana de que, em um primeiro momento, a compreensão do inconsciente como linguagem pode ser vista como elemento de aproximação entre fenomenologia e psicanálise, porquanto o tratamento analítico do paciente acontece a partir de sua fala. Por outro lado, acrescenta que isso não equivale a dizer que o inconsciente porte uma língua no sentido colocado por Saussure, como no caso do recalque, um processo que não pode ser expresso linguisticamente. Ricoeur explica que o termo, “linguística”, pode ser aplicado na psicanálise se tomado em um sentido amplo: “O analista tomará, pois, o discurso como intérprete de outra ‘linguagem’ que em suas regras, seus símbolos e sua sintaxe própria e que remete às estruturas profundas do psiquismo” (RICOEUR, 1977, 317). No dizer de Franco (1995, p. 45), a linguagem se refere à racionalidade e ao tólos, mas também à realidade singular de cada experiência; desse modo, tanto a linguística como a fenomenologia existencial estariam equivocadas para Ricoeur.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Corpo; Inconsciente; Semântica; Desejo.

Introdução

Segundo Ricoeur (1977, p. 15-17), busca-se no mundo contemporâneo uma filosofia a linguagem suficientemente abrangente de modo a explicar as múltiplas funções do significar humano e de suas relações. A unidade do falar constitui problema tendo em vista a diversidade de usos da linguagem, como a matemática, a física e a arte.

Disso decorre a necessidade de explorar articulações entre as disciplinas que investigam a linguagem. Com base nesse enfoque, aponta a necessidade de o profissional da psicanálise tomar parte do amplo debate sobre o assunto. Ricoeur considera a psicanálise a partir da obra escrita de Freud, acentuando seu valor não apenas na renovação da psiquiatria, mas também na reinterpretação da totalidade das produções psíquicas relacionadas com a cultura, do sonho à religião, envolvendo também a arte e a moral. Dessa forma, confere à psicanálise a condição de pertencente à cultura moderna, porquanto a interpreta e assim a modifica.

A análise de Ricoeur sobre a obra de Freud enxerga na abordagem da psicanálise uma dualidade de discurso. Em vez de considerar uma análise do ser humano apenas em termos de força ou de sentido, como na perspectiva freudiana, ele a toma como sendo uma hermenêutica que compreende os sentidos, mas também uma energética que explica as forças em jogo no psiquismo humano. A psicanálise se apresenta, portanto, tanto como uma explicação dos fenômenos psíquicos por meio de um conflito de forças como uma leitura do sentido latente que ultrapassa o sentido aparente. Sua tese é a de que não há ambiguidade, mas que o discurso misto é a própria razão da psicanálise, representando a sua forma de compreensão do fenômeno psíquico. Ricoeur encontra nos escritos metapsicológicos de Freud o equilíbrio entre as duas linguagens: a do sentido, que demanda interpretação e a da tópica. Consciente, pré-consciente e inconsciente encontram-se organizados na chamada primeira tópica freudiana e, do outro lado, o sentido surge na articulação entre pulsão e representação.

Ricoeur (1977, p. 109-110) evoca a *epoché* husserliana ao evidenciar sua posição acerca da consciência em relação ao inconsciente, ponto crucial na abordagem da liberdade. Trata-se de uma *epoché* às avessas, pela qual se reconhece a pulsão como conceito fundamental no sistema psíquico. Por meio desse enfoque, primeiramente, deixar-se-á de considerar o “objeto” da consciência como diretriz, substituindo-o pelos “objetivos” da pulsão. Em segundo lugar, deixar-se-á de tomar o “sujeito” por centro, em função do qual surgem os “objetos”. Significa renunciar à problemática “sujeito-objeto” em sua condição de problemática de consciência. Assim, uma vez que o objetivo da pulsão demanda satisfação, seu objeto assume a condição daquilo que poderá proporcionar o alcance do objetivo funcional, configurando-se a primazia do objetivo sobre o objeto.

1 Liberdade, a fenomenologia e o inconsciente

O inconsciente é visto, na perspectiva freudiana, como algo que é passível de conhecimento quando traduzido para a condição de consciente, o que é possibilitado pelo trabalho psicanalítico. Ricoeur refere-se, então, ao ponto onde as questões da força e do sentido são coincidentes, onde a pulsão se dá em uma apresentação psíquica; algo psíquico apresenta a pulsão na qualidade de energia, por sua vez anterior a qualquer ideia de algo a ser representado. Segundo sua avaliação, Freud se faz original ao transferir para o próprio inconsciente o ponto de coincidência do sentido e da força. Embora reconheça a separação entre tais sistemas, admite uma estrutura comum pela qual consciente e inconsciente são igualmente psíquicos. É essa estrutura que permite “interpolar” os atos inconscientes no texto dos atos conscientes.

A reflexão colocada sobre a relação consciente-inconsciente de alguma forma reflete o questionamento ricoeuriano de fundo fenomenológico

Como devo repensar e refazer o conceito de consciência, de tal maneira que o inconsciente possa ser o seu outro, de tal maneira, digo, que a consciência seja capaz desse outro a que chamamos aqui inconsciente? (RICOEUR, 1969, p. 101).

Como passagem de uma abordagem fenomenológica da liberdade àquela hermenêutica, é preciso referenciar a abordagem que Ricoeur fez de Freud. Além de uma ampla discussão acerca da condição epistemológica da Psicanálise, Ricoeur desenvolve sua reflexão filosófica no sentido de uma interpretação filosófica da psicanálise voltada para a questão do sujeito na perspectiva da teoria freudiana. Ele próprio traduz esse sentido conceituando-o como uma arqueologia do sujeito, que o ajudará na compreensão de si próprio lendo Freud. Seu estímulo vem da inexistência “de qualquer interrogação radical sobre o sujeito do pensamento e da existência” (RICOEUR, 1977, p. 343-344) no pensamento de Freud. Continua ele, observando não haver lugar para o cogito em uma teoria tópica e econômica da Psicanálise, do que decorre o questionamento sobre onde, nesse universo, buscar o sujeito. Não estaria na consciência, nem no ego, no id ou no superego. Segundo Franco (1995, p. 193), não obstante Ricoeur reconheça a precisão da crítica psicanalítica, também acredita na possibilidade de uma reflexão filosófica pós-psicanalítica, em que pese o fato da perda da segurança em uma consciência imediata decorrente do pensamento freudiano. No esclarecimento da questão, diz Ricoeur que a metapsicologia freudiana “opera um

descentramento do foco das significações, um deslocamento do lugar de origem do sentido [...] é necessário realmente proceder à perda da consciência e de sua pretensão a reger o sentido, para salvar a reflexão e sua inexpugnável segurança” (RICOEUR, 1977, p. 345).

Esse desapossamento da consciência imediata constitui um dos pontos da reflexão ricoeuriana, pela qual aquela instância não mais usufrui de seu status de “primeira certeza”, enquanto o inconsciente assume a condição de partícipe também psíquico de uma estrutura comum. Reagan (1996, p. 27), comentando sobre as críticas recebidas por Ricoeur acerca de sua inexperiência prática no campo da psicanálise ser incompatível com sua análise crítica do assunto, aponta a respectiva réplica, justificada na destinação não específica do discurso de Freud, ao invés, aberto à cultura. Apresenta ainda uma síntese da visão do filósofo acerca da caracterização da psicanálise como ciência hermenêutica.

A conclusão de Ricoeur é que a psicanálise é uma ciência hermenêutica cujo objeto é a “semântica\ do desejo”, a interseção do desejo e do discurso, da estrutura inconsciente e do mundo da cultura. Ou então, “a linguagem do desejo é um discurso combinando sentido e força” (REAGAN, 1996, p. 28-29).³¹

Dessa forma, nosso filósofo esboça seu confronto com a psicanálise freudiana a partir de sua tese sobre o voluntário, antes de fazer o retorno ao pensamento psicanalítico nos anos sessenta, como vimos no capítulo anterior. O modo de situar o inconsciente em relação ao consciente é fugir de esquemas de pensamento equivocados, negando um realismo do inconsciente, ao mesmo tempo em que nega um absolutismo da consciência.

2 Ricoeur e a psicanálise

Em 1950, Ricoeur adota uma postura de distanciamento da psicanálise. Trata-se de uma tentativa de se distanciar de qualquer determinismo psíquico presente em uma leitura ortodoxa da obra de Freud. Essa tendência não seria conciliável com a postura fenomenológica de abordagem sobre o voluntário e sobre a ação. Ou seja, a liberdade estaria comprometida se pensada através de qualquer tipo de determinismo. No entanto, a partir da década de 60, o filósofo tem contato com a proposta psicanalítica lacaniana,

³¹ Ricoeur's conclusion is that psychoanalysis is a hermeneutical Science whose object is the “semantics of desire”, the intersection of desire and speech, of unconscious structure and the cultural world. Or, “the language of desire is a discourse combining meaning and force”.

o que o faz enxergar outra possibilidade de conceber o aparelho psíquico, em um nível de significação linguística aberto. Agora sim Ricoeur se sente confortável em aliar fenomenologia e psicanálise.

Na ótica lacaniana, o inconsciente é estruturado como linguagem, sendo esta a condição do inconsciente. Segundo Matteo (2000, p. 136-139), a estruturação do inconsciente como linguagem implica sua condição como uma série de significantes que têm vida própria, não controlada pelo sujeito, cuja verdadeira identidade se encontra no desejo inconsciente; é a irracionalidade do inconsciente com sua dimensão linguística que caracteriza o sujeito psicanalítico. Por sua vez, Ricoeur considera que a concepção do sujeito não se limita à dimensão estrutural da língua à Lacan, pois estaria negligenciando instâncias temporais, como a história e o corpo. Seria preciso, para o filósofo, encontrar um caminho da interpretação da proposta freudiana que não excluísse as raízes fenomenológicas da concepção da liberdade.

Além da dialética consciente/inconsciente, Ricoeur procura, graças à sua passagem da psicanálise (ou da interpretação da obra de Freud) de Lacan para a de Laplanche, uma consequência hermenêutica e de sentido à fenomenologia. Isso propiciou um alargamento das abordagens sobre o símbolo, como aquela da culpabilidade e do mal.

É na preparação do meu livro sobre Freud que eu devo reconhecer os contrastes especulativos ligados ao que chamava de conflito das interpretações. O reconhecimento do direito igual de interpretação rival não parecia fazer parte de uma verdadeira deontologia da reflexão e da especulação filosófica (RICOEUR, 1995, p. 37-38).

Ponto de destaque no pensamento do nosso filósofo acerca da liberdade é o caminho que escolhe para o desenvolvimento da busca do humano. De forma contrária à tendência de encontrá-lo via introspecção, sua opção ocorre por via indireta, isto é, pela interpretação com auxílio de mediações. É justamente o que Ricoeur procura na década de 60 ao trazer a psicanálise para a abordagem do mal e da culpabilidade. Franco (1995, p. 48-49) aponta o eixo fundamental desse pensamento como sendo o conhecimento por meio de sua linguagem. Dessa forma, interpretação e linguagem ficam configuradas como elementos-chave dessa perspectiva no trabalho de liberar o humano de sua ilusão sobre uma consciência absoluta (o que impediria qualquer abordagem fenomenológica da liberdade). Para quem entende o homem como sua própria linguagem, Ricoeur a

toma como meio de adentrar na hermenêutica. A palavra é fundamental e precisa ser ouvida, porquanto revela e transforma.

3 O Desejo e o sujeito

Alcançamos um ponto da reflexão filosófica sobre a psicanálise que propicia um movimento decisivo no pensamento de Ricoeur para a compreensão hermenêutica. Segundo sua análise, torna-se necessário introduzir o conceito de teleologia como relação dialética com sua proposta de arqueologia do sujeito de forma a dar-lhe consistência, isso decorre não ser suficiente reconhecer que o sujeito não é o que acredita ser, bem como não basta saber inadequada à consciência e a força do desejo:

É preciso reconhecer também que este tornar-se consciente se dá mediante a ação de um sentido, um sentido que ultrapassa esta tomada de consciência. O que Ricoeur está propondo é outro descentramento. Além do descentramento em relação ao passado, é necessário descentramento em relação ao futuro e ao sentido que ele guarda [...] (FRANCO, 1995, p. 201).

Em consequência dessa proposição, configura-se uma hermenêutica restauradora do sentido. Franco (1995, p. 201) avalia que se trata de uma proposta de uma mediação filosófica, já que a referida dialética pertence ao universo filosófico e não analítico e que a afirmativa de Ricoeur acerca do próprio Freud possuir uma teleologia, ainda que oculta e latente, conduz a uma correção de perspectiva, não mais para complementá-lo, mas para compreendê-lo melhor. Essa teleologia subentendida em Freud está visível na relação analítica, na qual se desenvolve o processo de tomada de consciência pelo sujeito, que passa pela consciência do outro, a do analista. Nesse sentido, considera que Ricoeur mostra o desejo sempre emergindo em uma situação intersubjetiva, o que previne o predomínio de uma tendência solipsista na teoria freudiana. Nesse momento, percebemos ainda a importância da teoria psicanalítica para nosso autor, que a ela dedica dois importantes capítulos em *Le conflit des interprétations*, obra de 1969.

É porque o conceito de arqueologia é um conceito filosófico – um conceito de filosofia reflexiva – que a articulação em arqueologia e teleologia é também uma articulação da reflexão na reflexão. É o pensamento reflexivo que diz: somente tem uma *arché* um sujeito que tem um *télos*: porque a apropriação de um sentido constituída atrás de mim, supõe o movimento de um sujeito atraído diante dele mesmo por uma sequência de “figuras” nas quais cada uma encontra seu sentido nas seguintes (RICOEUR, 1969, p. 174).

Acrescentamos, nesse estágio, a consideração sobre o reconhecimento da necessária saída de si por parte da consciência filosófica em direção ao universo que a contém:

Ao reconhecer seus limites, a consciência filosófica não se restringe à sua auto-reflexão solipsista, mas reconhece, com certo alívio, que existe algo fora dela, e mais, que esse algo é tão fundamental como apaixonante. A luta contra os exageros da tradição idealista, que Ricoeur aponta como o motivo primeiro de sua filosofia, desemboca assim numa pesquisa apaixonada das relações dessa consciência – e desse sujeito – com o mundo que os circunscreve e os constitui por inúmeros laços (GAGNEBIN, 1997, p. 262).

Na última parte de sua extensa análise sobre a leitura hermenêutica da psicanálise, Ricoeur (1977, p. 399-400) volta-se para um aprofundamento da dialética da arqueologia e da teleologia que propôs, afirmando o símbolo como elemento de concretude desse processo, de forma a possibilitar a compreensão do conceito psicanalítico de *sobredeterminação*. O símbolo, sendo ambíguo, corresponde à possibilidade de suportar e de criar interpretações contrárias, porém, coerentes cada uma em si mesma. Segundo Franco (1995, p. 206-207), a dialética proposta por Ricoeur envolve a hermenêutica de inspiração analítica e a de inspiração religiosa, diante do que Ricoeur busca superar a oposição entre uma posição cética e outra, para a qual o sentido é possível, como que em uma capacidade de crer não obstante a coexistência da crítica.

Conclusão

Elemento de destaque nessa reflexão é a introdução do narcisismo, pelo qual o ego deixa sua condição de sujeito do *cogito* pela de objeto do desejo. Ricoeur, referindo-se aos escritos de Freud, anota que o narcisismo dos homens sofreu humilhações sérias por parte da ciência, às quais acrescenta o contributo da psicanálise nesse sentido, pois, é ela a revelar que “O Ego não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917 *apud* RICOEUR, 1977, p. 348). Franco (1995, p. 193) ressalta a conclusão de Ricoeur: “o narcisismo impede nossa visão quanto a não conhecermos nada acerca de nós mesmos e de não sermos senhores de nossa própria psique”. Considera, adicionalmente, que a psicanálise acredita na semelhança entre o consciente e o inconsciente, do que decorre a possibilidade de transformação dos pensamentos inconscientes em pensamento conscientes; nessa perspectiva, a consciência imediata é falsa, mas a segunda e autêntica consciência se torna possível.

Referências

- RICOEUR, Paul. *La critique et la conviction*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.
- _____. *A crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.
- _____. *A metáfora viva*. Portugal: Res, 1983.
- _____. *Histoire et Vérité*. Paris: Seuil, 1964.
- _____. *Finitude et culpabilité*. V.1 (l'homme faillible). V.2 (la symbolique du mal). Paris: Aubier, 1960.
- _____. *Finitud y culpabilidad*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- _____. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1983.
- _____. *La Vie chrétienne, journal de l'Église presbytérienne au Canada*, 1992b.
- _____. *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique I*. Paris: Editions Du Seuil, 1969.
- _____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- _____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- _____. *O Si-Mesmo como um Outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. *Reflexion Faite*. Esprit, 1995.
- RICOEUR, Paul; LÉVINAS, Emmanuel. *La Révélation*. Bruxelles: Facultés Saint Louis, 1977.
- DI MATTEO, Vincenzo. *Ricoeur entre a crítica e a convicção*. III Encontro Interinstitucional de Filosofia Recife, 2005.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur: les sens d'une vie*. 3. ed. Paris: La Découverte, 1997.
- FRANCO, Sérgio. *Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- REAGAN, Charles. *Paul Ricoeur his life and Works*. Chicago: Chicago University Press, 1996.